



SEXUALIDADE “OUTRAS”: ANÁLISE DE UMA AÇÃO EDUCATIVA DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Idalia Lino dos Santos¹

Beatriz Rodrigues Lino dos Santos²

Resumo: Este estudo apresenta uma análise das potencialidades e limitações de uma experiência educativa desenvolvida, durante os anos de 2010 e 2011, com estudantes do ensino médio em uma escola pública sobre a temática “Gênero e Diversidade Sexual”. A intervenção consistiu em atividades como dinâmicas, exibição de filme, discussão em grupos, pesquisa de campo e palestras. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados todos os materiais produzidos nas atividades. Muitos estudantes identificam o homem como superior a mulher em virtude de considerá-la como parte dele e, portanto, subordinada. Alguns discentes questionaram o trabalho, pois afirmavam que este ia de encontro aos princípios bíblicos, porém outros, apesar disso perceberam as consequências advindas de visões e atitudes sexistas e homofóbicas no espaço escolar.

Palavras-chave: ensino médio, intervenção, gênero e sexualidade

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui exposto é o resultado da intervenção feita no segundo ano do ensino médio de uma escola da rede estadual na cidade de Jequié Bahia, com um grupo de adolescentes. Essa intervenção é o resultado de experiências educativas desenvolvidas durante dois anos consecutivos 2010 e 2011, com a temática “Sexualidade Outras”.

As(os) professoras(es) têm se deparado com situações na sala de aula do infantil ao ensino médio que exigem a necessidade de fomentar discussões sobre a sexualidade e gênero. Temos consciência que é um tema polêmico e que precisa ser abordado nas escolas. Estudar sexualidade e gênero na escola é importante pois, esse ensino facilitaria ao aluno a ver o outro de forma igualitária e a modificarem seus valores e suas atitudes

¹Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira. E-mail: idalia.cat@hotmail.com.

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Campus Jequié. E-mail: pedagoga.beatriz@gmail.com.

sem preconceito ou discriminações, mas a escola deve atentar-se também, em como estão sendo avaliados e conversados com os alunos sobre as orientações sexuais e de gênero bem como, esta sendo trabalhado esse tema em sala de aula.

A temática diversidade sexual e gênero ocupa as escolas em todos os sentidos, pois a escola abriga não só heterossexuais, mas também, negros, deficientes, mulheres, idosos, estrangeiros e índios, o que faz da educação ser um bem público e necessário para a sociedade.

Educar para a sexualidade e gênero é educar para suas dimensões mais significativas para o ser humano, e desse modo, na educação para a sexualidade e gênero deve ser uma ação contínua em um contexto que a sociedade se sinta participante desse processo.

Percebe-se que a sociedade ainda visa à heterossexualidade com uma exigência normativa e única, e desqualifica todo e qualquer modo de se viver diferentemente do “normal”. Fica claro que essas práticas discriminatórias reforçam a homofobia, a ser cada vez mais nítida e explícita na sociedade (LOURO, 2000). O que deve ser feito é destacar a promoção da igualdade como princípio básico para a sobrevivência, e assegurar os direitos a dignidade e a liberdade de se relacionar afetivamente, independentemente de corresponder aos estereótipos sociais estabelecidos culturalmente em nosso país.

O objetivo desta proposta é desenvolver consciência crítica no jovem e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade, fazendo com que a escola seja um meio dessa consciência. Também pretende verificar o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino e demonstrar o reconhecimento à diversidade sexual.

METODOLOGIA

Este trabalho está baseado na abordagem qualitativa, pois está intencionado nas compreensões de estudantes sobre os gêneros e a sexualidade a partir de um trabalho de intervenção. Como apresentado por Flick (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se em estudar as experiências individuais ou coletivas envolvidas nos diferentes fenômenos sociais, estando interessada em entender as ideias, opiniões e ações das pessoas.

Segundo Minayo (1993, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode

ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Com o objetivo de responder a questão de pesquisa apresentada anteriormente, foi desenvolvido um projeto intitulado “Sexualidade Outras” no Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira na cidade de Jequié – BA. Esta intervenção almejou propiciar um espaço de diálogo e debate sobre as construções sócio-culturais de gênero e de sexualidade e como isso pode gerar preconceitos e discriminações especialmente em relação aquelas e aqueles que escapam dos padrões e normatizações.

O projeto foi desenvolvido nos anos de 2010 e 2011. No ano de 2010, trabalhou-se com 26 estudantes do segundo ano do ensino médio do período diurno e em 2011 com outra turma do segundo ano do ensino médio do período noturno com 32 estudantes.

Em cada ano, o projeto foi desenvolvido em três etapas. No primeiro momento foi solicitada aos discentes a realização de uma entrevista com duas pessoas de sua família ou da comunidade a fim de verificar as ideias das pessoas sobre as características do homem e da mulher e em relação à homossexualidade.

No segundo momento, a turma assistiu ao filme *Longe do Paraíso* (produzido em 2002), o qual conta a história de um casal Cathleen e Frank que vivem na cidade de Connecticut em 1957. O início do filme retrata o casal como o exemplo de família tradicional a ser seguido pela sociedade estadunidense da época. Ela representando a esposa que cuida do lar e da família e ele o executivo bem sucedido que desenvolve seu papel de marido exemplar que sustenta economicamente o lar. A crise se inicia quando Frank começa a viver relacionamentos com outros homens e Cathleen, por sua vez, se apaixona por seu jardineiro, Raymond, um afro-americano. Isso gera um escândalo para a sociedade conservadora da época. Após a exibição do filme, os estudantes construíram um texto para apresentar suas opiniões, questionamentos e críticas.

No terceiro momento foi realizada uma dinâmica com os discentes para discutir os papéis de gênero na sociedade e os seus olhares sobre a diversidade sexual. Esta atividade foi feita com o apoio de um professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Posteriormente, os estudantes escreveram um pequeno texto relatando as aprendizagens e as incertezas desenvolvidas com a dinâmica.

Todas as produções escritas dos discentes, no caso, as respostas das entrevistas; as interpretações do filme e o texto dissertativo foram analisados com base nos referenciais da área de gênero e sexualidade e serão apresentados a seguir.

DESCORTINANDO AS IDEIAS DOS DISCENTES SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUAL

a) Entrevistando familiares e a comunidade

Na primeira atividade do projeto, os estudantes entrevistaram pessoas da família ou da comunidade para identificarem os olhares da sociedade sobre os gêneros e sobre a homossexualidade.

No que tange as questões de gênero, as respostas evidenciaram um pensamento normativo, binário e essencializado. As mulheres foram relacionadas com os papéis de cuidar da família, especialmente dos filhos, (24 citações) e realizar trabalhos domésticos (27 citações). Outras características apresentadas foram: ser emotiva, sensível ou meiga (5); ser companheira (1) e obedecer ao marido (1). Citam-se as seguintes ideias:

A mulher foi feita para cuidar do lar, dos filhos, além disto ser estabelecido pela sociedade, é bíblico e também está presente em Gênesis.

Ser uma boa esposa, obedecer o marido, cuidar da casa e dos filhos, ser carinhosa, meiga, atenciosa, entre outras.

Já o homem foi identificado como aquele responsável em sustentar economicamente o lar (34 respostas), além de ser dedicado à família (7 respostas). Outras citações foram: coragem e força física (3); honestidade (2); impulsividade (1) e jogar futebol (1); educar os filhos (1). Dentre as respostas destacam-se algumas:

Trabalhar e manter o sustento da casa (pagando as contas). Isso vem desde a antiguidade.

O homem é a cabeça da casa e por isso a mulher deve sujeitar ao homem, pois como cabeça, ele está acima.

Embora tenha predominado ideias que reforçam os padrões de gênero em nossa sociedade, algumas pessoas (8) apresentaram depoimentos que questionavam os enquadramentos de homens e mulheres em determinados papéis ou características ressaltando que as pessoas têm o direito de optarem por outras formas de ser homem e mulher.

Não concordo com esta afirmação e penso que isto é algo imposto pela sociedade que utiliza as diferenças entre o homem e a mulher para favorecer um (o homem) em detrimento do outro (a mulher).

Não tem função definida, a sociedade hipócrita é que determinou que só o homem tem que trabalhar e colocar comida em casa.

Simone de Beauvoir já afirmava que ninguém nasce mulher, torna-se, portanto, ser mulher é uma construção, embora se afirmem cotidianamente que cabe a mulher, por exemplo, cuidar da casa e dos filhos isso não é algo dado, mas reiterado pela cultura em que se vive. Da mesma forma, o ser homem não difere da expressão de Beauvoir, portanto, ser homem também é um processo de produção e afirmação.

Sobre as compreensões das pessoas sobre a homossexualidade, constatou-se que a maioria das pessoas entrevistadas a entende como opção ou decisão individual das pessoas (23). Os demais (13) vêem a homossexualidade como desvio ou anormalidade nomeando-a com os seguintes conceitos: algo não divino (7); estranho (2); safadeza ou sacanagem (2); vulgaridade (1) e falta de respeito (1).

Dentre as respostas destacam-se:

É uma escolha como qualquer outra.

Eu tenho amigos homossexuais que são ótimas pessoas até melhores que alguns heteros.

É uma questão individual, cada um é capaz de tomar suas próprias decisões, inclusive sua orientação sexual.

De acordo com a Bíblia, Deus criou o homem para mulher e a mulher para o homem para que a mulher fosse sua companheira, portanto, ao olhar de Deus e ao meu olhar a homossexualidade é uma abominação. Por isso Sodoma e Gomorra foi destruída.

Acho uma falta de respeito com a família, homem tem que gostar de mulher.

Apesar de várias(os) estudantes não discriminarem a homossexualidade, observa-se que esta ainda é vista como:

[...] “inversão”, “desvio”, “anormalidade”, “perversão” etc., suas supostas “determinações” não são compreendidas como determinações de uma escolha objetual normal e saudável (uma escolha entre outras, supostamente quando haveria uma compreensão sem juízo de valor), mas, diferentemente, como “causa” de um “problema”, de um “desvio” no âmbito da sexualidade dos indivíduos (SOUSA FILHO, 2009, p. 97).

Falar de uma sexualidade em uma sociedade que acredita que a heterossexualidade é o padrão ideal evidencia a relevância de desestabilizar as normas e reafirmar as múltiplas formas de vivenciar as sexualidades. Concordo com Louro (2001, p. 551) quando diz:

[...] “o velho dualismo binário da ignorância e do conhecimento não pode lidar com o fato de que qualquer conhecimento já contém suas próprias ignorâncias[...] Os/as jovens e os/as educadores são ignorantes sobre a homossexualidade é quase certo que eles/elas [...] sabem pouco sobre heterossexualidade”.

Percebe-se o quando a religiosidade interfere no pensamento da sociedade, daí passa o pressuposto que as lideranças religiosas possam levantar discussões para fortalecer e libertar a sociedade do medo de não querer enganar as pessoas. Como afirma Natividade (2006): “que a exterioridade da homossexualidade rejeitando concepções feministas e afirmando a possibilidade de revisão por meio da conversão [...] revelas um pânico negativo”. Acredita-se que somos livres para escolher e assumir o que queremos, portanto, a religiosidade não pode querer determinar nada para a sociedade.

Diante do exposto, é relevante a discussão sobre diversidade sexual e de gênero no espaço escolar porque não é possível continuar com a indiferença quando há a discriminação contra os homossexuais. Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais sugerirem a necessidade de discutir a sexualidade como tema transversal não se refere à homossexualidade e a diversidade sexual como proposta de discussão. Contudo, como evidenciado nas falas, a escola hoje se depara com situações de rejeição e discriminação contra homossexuais.

Outra questão foi sobre como reagiriam caso soubessem que uma pessoa de sua família fosse homossexual. A maioria (28) apoiaria o seu familiar alegando que respeitariam sua sexualidade embora reconhecessem a dificuldade para a aceitação. Duas pessoas trouxeram exemplos de pessoas homossexuais na família e contaram sobre a relação de respeito e reconhecimento construído com essas pessoas. Os demais (7) não aceitariam e tentariam “corrigir” ou então convencer que não é algo de Deus, podendo ser punido por isso.

Eu mim comportaria normal e iria respeitar a sua opção.

Normal, pois tenho um tio muito próximo que é gay e nós nos relacionamos muito bem. Lembro-me quando ele assumiu sua sexualidade e todos, principalmente minha avó que tem uma visão mais tradicional ficou em choque.

Eu tenho um primo e falo com ele normal, nós não discutimos sobre sua preferência por homem.

Eu acho que eles devem ser respeitados, mas não aceitos, pois assim como eles tem seu modo de viver e nós temos que respeitar, eles também devem respeitar o nosso gosto e idéias de não querer se envolver e conviver entre eles.

Ficaria muito triste porque ele estaria indo pro inferno.

b) Discutindo o filme Longe do Paraíso

Como já relatado na metodologia, o filme exibido possibilita reflexões no que tange as questões de gênero no final dos anos 1950 nos EUA, às compreensões sobre homossexualidade da sociedade da época e também ao racismo.

A análise das produções das (os) estudantes demonstrou que vários deles perceberam o papel da cultura influenciando nas formas de ser “mulher” e de ser “homem”. Algumas meninas da turma relataram que o filme evidenciou algumas características consideradas como naturais e normais para as mulheres. *“A mulher que era vista, como em cuidar só do lar, dos filhos e esposo e em não sair sozinha e não trabalhar fora de casa”* (Ester – 16 anos). *“Pois naquele tempo mulher trabalhar era um afrontamento para os homens, pois quem tinha que botar comida dentro de casa era o homem”* (Silvana – 16 anos).

Outra estudante ressalta um aspecto importante do filme: o ideal esperado para as mulheres na época. *“Ela é branca, tida como a mulher “perfeita” que cuida do lar, dos filhos e marido”* (Elisângela – 16 anos).

Um estudante, por exemplo, fica impressionado com umas das cenas do filme em que a esposa apesar de flagrar o marido beijando outro homem, reage com indiferença. Segundo o discente, *“tal comportamento é para não ir de encontro aos valores impostos em que o casal vivia”* (Emerson – 17 anos). A mulher era responsável por manter o casamento, apesar dos problemas.

Outra estudante reafirma a existência de pressões culturais inviabilizando mulheres e homens de vivenciarem outras expressões de gênero e de sexualidades que não se enquadrem nas normatizações e que essas formas de regulação ainda persistem. *“Apesar do filme ser de época, podemos observar semelhanças entre aquela sociedade e a nossa, como por exemplo: viver mantendo as aparências e seguindo as tendências para não ficar fora de um padrão desigual e massificador”* (Débora – 18 anos).

Os discentes também fizeram menções sobre como a sociedade encarava a homossexualidade. Uma aluna ressalta que o filme *“mostra o medo do homem em assumir sua opção sexual, pelo fato dele ser um empresário famoso, pais de dois filhos,*

ninguém nunca aceitaria” (Leandra – 16 anos). O fato de o casal ter de manter as aparências foi evidenciado por outra estudante, a qual ressalta também que caso Frank assumisse sua homossexualidade, seria algo vergonhoso e desastroso para a família da época.

Algumas estudantes como Valéria (15 anos) além de evidenciarem os empecilhos para que Frank pudesse viver sua sexualidade ressaltam o fato de as pessoas quererem curar a homossexualidade com choque elétrico por entendê-la como doença, como sendo algo fora dele. Elas também questionaram o preconceito em relação à homossexualidade e ressaltaram a importância do respeito e do direito em viver sua sexualidade.

Questionando a homossexualidade, uma das estudantes escreveu que aquela situação não era normal e que Cathleen deveria salvar o casamento. Também foi mencionado que há casos nos dias de hoje de homens que se casam e mantêm relacionamentos com outros homens

Em relação ao racismo evidenciado no filme, uma das estudantes (Talita – 17 anos). *“A sociedade tinha muito preconceito sobre a cor da pele, pois só porque uma mulher branca conversava com um homem negro ninguém aceitava”*. É importante destacar que não se trata apenas de uma questão racial, pois além de brancos e negros não poderem conviver, mesmo por amizade, tratava-se de uma relação entre uma mulher branca e um homem negro. Na época, as mulheres não podiam se relacionar a não ser com outras mulheres, o que dirá com um homem afro-americano.

Algumas discentes mencionam sobre uma das cenas em que os meninos da comunidade apedrejam a filha de Raymond por ele estar se encontrando com uma mulher branca. Pelo fato de não poderem atingi-lo diretamente, preferem violentar a filha dele para que deixasse de se envolver com Cathleen. Elas e eles se impressionaram com o preconceito racial muito explícito na sociedade da época.

c) Analisando as dinâmicas sobre gênero e sexualidade

No terceiro momento, as(os) discentes participaram de dinâmicas envolvendo discussões sobre os papéis de gênero e sobre a diversidade sexual. Foi solicitado que elas/eles elaborassem um texto apresentando suas reflexões sobre o trabalho.

De acordo com os relatos, as(os) estudantes responderam que todas as atividades foram bastante esclarecedoras, aprenderam a diferenciar gênero de sexualidade e a compreender a respeito da diversidade sexual. Também foi mencionado que tirar

dúvidas sobre esses aspectos com os familiares é algo muito difícil e que a escola pode contribuir neste processo.

As discussões sobre sexualidade vêm sendo um desafio que permeia a prática pedagógica dos docentes das diferentes áreas e dos diferentes níveis, principalmente para os jovens. São inúmeros os desafios sobre a sexualidade e gênero, gerados por situações cotidianas, como por exemplo, programas divulgados pela mídia televisiva, revistas periódicas, propagandas entre outros. Tal situação percebe-se que ao mesmo tempo em que reforça o consumo exacerbado, característica do sistema capitalista, também expõe a sexualidade publicamente.

Nunes (1997, p.15) que afirma:

Pois falar em sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: A história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sociais, construídas historicamente e, determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Esse relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo.

O trabalho desenvolvido evidenciou que os jovens são frutos do meio em que vivem, desta forma incorporam valores e manifestações culturais que são perpassadas ao longo das gerações, percebidas nos espaços da educação mediante o jeito de se mostrar, do olhar, do toque, das manifestações de carinho, e também das atitudes espontâneas que acontecem enquanto crescem e se desenvolvem.

Devido o tempo de permanência dos jovens nas escolas e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões constituindo local privilegiado para a abordagem, assim por meio dessa pesquisa reconheceu-se a necessidade de estudo e o esclarecimento dessas questões no âmbito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa intervenção vem sendo realizado há três anos consecutivos e têm-se obtido grandes avanços nas discussões que norteiam as dúvidas dos jovens sobre as questões de Gênero e Sexualidade, assim, avaliamos a necessidade de dar continuidade ao plano. Ainda observamos obstáculos que o discente enfrenta na sala de aula; pois, ainda não

existe no currículo uma disciplina que dê respaldo para essa discussão. Deste modo, percebemos de perto o grande desafio de nós, educadores, que valoriza acima de tudo um diálogo entre os docentes e os discentes. Faz-se necessário que nós busquemos discutir mais em sala de aula, assuntos que cativem e contribuam para a maturação do jovem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michael. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

NUNES, César: **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papirus, 1997.

SOUSA FILHO, A. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 95-123.

SOUZA, H. P. **Orientação sexual: conscientização, necessidade e realidade**. Curitiba: Juruá. 1990.